

Dinâmica de produção dos arranjos discursivos em contexto de tensionamento: arena de embates entre a fundação renova e o jornal a sirene

Production dynamics of discursive arrangements in context of tensioning: arena of clashes between fundação renova and the newspaper a sirene

Dinámica de la producción de arreglos discursivos en el contexto de tensión: arena de lucha entre la fundación renova y el periódico a sirene

Ivone de Lourdes Oliveira

Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
ivonepucmg@gmail.com

Lara Dornas

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Minas
laradornas2009@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a prática discursiva de dois atores institucionais – Fundação Renova e jornal *A Sirene* – inscritos em processo de enfrentamento simbólico, sustentado pelo embate discursivo, diante da situação de reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG), 2015. Busca-se no referencial teórico desenvolvido e fundamentado em Bakhtin (2010), Foucault (2012) e Fairclough (2001) compreender as estratégias discursivas desenvolvidas pelos atores em um momento de tensionamento. A referência metodológica é a Análise Crítica do Discurso (ACD), e o *corpus* o jornal *Voz da Comunidade*, produzido pela Fundação Renova e *A Sirene*, criado pelos atingidos e um grupo de ONGs. A análise indicou a presença de arranjos discursivos, revelando eixos de poder e tensão na construção de suas estratégias, em busca de legitimidade social.

Palavras-chave: Comunicação Organizacional, Discurso. Análise Crítica do Discurso.

Abstract

This article aims to reflect on the discursive practice of two institutional actors – Fundação Renova and the newspaper *A Sirene* – enrolled in a process of symbolic confrontation, supported by the discursive clash, in view of the situation of repair of the damage caused by the rupture of the Fundão dam in Mariana (MG) in 2015. We seek the theoretical framework developed and based on Bakhtin (2010), Foucault (2012) and Fairclough (2001) to understand the discursive strategies developed by the actors in a tensioning moment. The methodological reference is the Critical Discourse Analysis (CDA), and the *corpus of the newspaper Voz da*

Comunidade, produced by Fundação Renova and *A Sirene*, created by the group of those affected. The analysis indicated the presence of discursive arrangements, revealing axes of power and tension in the construction of their strategies, in search of social legitimacy.

Keywords: Organizational Communication. Discourse. Critical Discourse Analysis-

Resumen

Este artículo pretende reflexionar sobre la práctica discursiva de dos actores institucionales – Fundación Renova y el diario *A Sirene* – inscritos en un proceso de confrontación simbólica, apoyado por el choque discursivo, en vista de la situación de reparación del daño causado por la ruptura de la represa de Fundão en Mariana (MG) en 2015. Buscamos el marco teórico desarrollado y basado en Bakhtin (2010), Foucault (2012) y Fairclough (2001) para comprender las estrategias discursivas desarrolladas por los actores en un momento de tensión. La referencia metodológica es el Análisis Crítico del Discurso (ACD), y *el corpus del periódico Voz da Comunidade*, producido por la Fundación Renova y *A Sirene*, creado por el grupo de afectados. El análisis indicó la presencia de arreglos discursivos, revelando ejes de poder y tensión en la construcción de sus estrategias, en busca de legitimidad social.

Palabras-clave: Comunicación Organizacional. Discurso. Análisis Crítico del Discurso.

Introdução

A comunicação é marcada pelo conflito, pois como processo social materializa a confrontação cotidiana das organizações, sujeitos e grupos de sujeitos, em meio à geração e reprodução das estruturas de poder. Sendo assim, as organizações solicitam o entendimento do nível de complexidade em que se inscrevem. Tal contexto as coloca distantes das noções de equilíbrio, consenso e certeza, levando-as a reconhecer a “permanente desorganização/(re)organização (tensões, disputas, perturbações)” de seus processos. (BALDISSERA, 2009, p. 117).

A literatura do campo de Comunicação tem reforçado o entendimento da comunicação no contexto das organizações de forma ampliada, com base em uma lógica que abarca, para além do âmbito organizacional, a vida cotidiana e social. Logo, “por este motivo não se pode prescindir de entender os sujeitos em relação às práticas discursivas que permeiam tal relação” (OLIVEIRA; PAULA; MARCHIORI, 2012, p. 4).

O presente artigo pauta-se na revisão bibliográfica, tendo como aporte conceitual Foucault (2012), Bakhtin (2010) e Fairclough (2001), e na análise dos discursos produzidos pela Renova e pelo jornal *A Sirene*, dois atores institucionais, símbolos do desastre vivenciado em Mariana (MG), em novembro de 2015, com o rompimento da barragem de rejeitos, responsável por provocar danos humanos e socioambientais.

Compreender as assimetrias discursivas presentes nas relações interativas destes atores nos leva a perceber a disputa de sentidos, a presença de instâncias de poder e a questão ideológica na construção das estratégias discursivas. Tal aporte é atualizado no contexto das organizações, especialmente de tensionamento. A partir dos discursos mobilizados no processo de reparação humana e socioambiental evidencia-se a articulação em torno da produção dos arranjos discursivos visando à consecução de objetivos e interesses de cada um dos atores.

A análise compreende o cruzamento entre os discursos a partir das três dimensões – textual, prática discursiva e prática social (FAIRCLOUGH, 2001). O *corpus* é constituído pelos jornais *Voz da Comunidade* (julho/2017 a janeiro/2019), produzido pela Fundação Renova e *A Sirene* (fevereiro/2016 a janeiro/2019), criado por um grupo de organizações não governamentais e de atingidos, logo após o rompimento da barragem.

A Renova foi constituída para compensar e reparar o meio ambiente, bem como as condições socioeconômicas das comunidades e áreas atingidas pelo rompimento. O jornal *A Sirene* é o veículo de comunicação que tem por objetivo dar voz às comunidades de Mariana e Barra Longa, afetadas pelo desastre, e acompanhar as ações promovidas pela Renova.

Discurso: produto de interação social

A esfera midiática apresenta-se como o *locus* de enfrentamento simbólico e é neste lugar que os atores sociais colocam em circulação seus discursos, a fim de reverberá-los e obter visibilidade. Logo, pensar o discurso mobilizado pelas organizações assume destaque em tempos de midiatização, uma vez que a produção de sentidos é reconhecida, assim como o papel estratégico da comunicação. Pensar e analisar as práticas discursivas para a compreensão do processo e das ações comunicativas das organizações torna-se fundamental (SILVA, 2019, s.p.).

O discurso produzido revela práticas discursivas construídas e operadas por diversos agentes, tendo relação “com uma série de outros lugares que, inevitavelmente, fazem parte do imaginário e do conjunto de afetações empíricas que condicionam as práticas discursivas” (SCHWAAB, 2013, p. 110). Além disso, conduz a pensar sobre as interações de sujeitos sociais inscritos em relações de disputas. Para Foucault (2012), desvelar a ordem do discurso significa refletir sobre o sujeito autorizado em construir sua audiência, as condições em que o discurso é proferido e o discurso em si – texto proferido, matéria-prima e conteúdo ofertado por meio da linguagem.

O discurso, vinculado à posição de quem é cabível a fala, constitui-se em algo pelo que se luta. É o poder que os sujeitos em interação buscam se apoderar para obter legitimidade, por meio de rituais institucionais que consagram um estado de coisas – a ordem estabelecida (KAUFMANN, 2016, p. 16). Ordem do discurso considerada prática ritualística, “que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo propriedades singulares e papéis pré-estabelecidos” (FOUCAULT, 2012, p. 37). Assim, a prática discursiva não é apenas uma formulação de ideia ou de desejo por um sujeito específico, mas uma construção que envolve as condições de produção, o contexto, a posição de cada um, as relações de poder e a linguagem.

Em Bakhtin (2010), a noção de discurso está associada às condições em que a enunciação é formulada. Desta forma, “podemos afirmar que o que se diz só pode ser analisado se tomamos as condições do dizer como referência obrigatória do ‘dizer’, enquanto ato concreto de linguagem” (VALLE, 2010, p. 10). Sendo a sociedade formada por um conjunto de grupos com interesses e expectativas diferentes, e muitas vezes divergentes, o discurso é sempre o lugar da contradição, uma vez que é o espaço da manifestação específica, do conflito entre vozes sociais e, conseqüentemente, da disputa de sentido e de poder.

Ao considerar que a recepção do enunciado se dá em função dos tensionamentos entre as vozes sociais, Bakhtin disponibiliza “uma visão libertária e emancipadora da condição humana, centrando sua análise na linguagem e vendo aí a possibilidade de construção de uma sociedade mais plural e descentrada” (FIORIN, 2011, s.p.). Sendo assim, reconhecer um discurso não impede de analisar as relações de forças desiguais, atravessadas e nele presentes. Conforme o pensamento bakhtiniano, a partir das noções de dialogismo presente nos discursos sociais, a vida é guiada por tendências em conflito, onde os sujeitos têm de fazer suas escolhas. Desta forma, o discurso não é simétrico, mas sim o lugar de conflito e tensionamentos que expressa o espaço social de onde é produzido. (AMORIM, 2007).

Outra questão que se destaca é o entendimento da linguagem inscrita no discurso como articuladora entre os objetos e os sujeitos (SILVA, 2018), e por isso expressa um modo de produção social constituindo-se em lugar de manifestação de ideologia que legitima as posições sociais e políticas, induzindo a aceitação. Bakhtin explorou a enunciação na perspectiva de sua natureza social, tentando compreender “em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem” (YAGUELLO, 2010, p. 13). Assinala o autor, que “a palavra revela-se nos momentos de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN, 2010, p. 67). Portanto: “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações

sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2010, p. 42). Cada esfera ideológica se expressa por signos específicos para referir-se à exterioridade, criando suas formas de representá-la, da mesma maneira que os atores produzem diferentes interpretações e recriações a partir das suas vivências.

A investigação e o entendimento da história da formação da consciência ideológico-linguística em Bakhtin vão ao encontro de Foucault, ao se referir à enunciação do sujeito em interação em um dado contexto histórico e social. Há na visão dos autores o clamor pela emergência do sujeito nos processos enunciatórios trazendo à tona a ordem imposta pelo discurso, colocando em disposição voz/palavra e, para além de quem fala: como, onde (lugar social) e o que é falado.

As organizações como espaços de interação, nos instigam a pensá-las como sistemas vivos e complexos marcados por tensionamentos de forças entre sujeito e organizações, e compreendê-las como sujeitos em relação com objetivos definidos (BALDISSERA, 2010). Nesta perspectiva devem ser percebidas em relação a elas próprias e a uma série de outros lugares que acionam ou silenciam, em direção ao mesmo e/ou ao diferente, ingredientes condicionantes do discurso.

O discurso no contexto das organizações

Para refletir sobre o discurso no contexto das organizações, é fundamental recorrermos à noção de dialogismo em Bakhtin (2010). Para o autor, o “dialogismo está diretamente entrelaçado à noção do próprio discurso [...] e às de interação e de enunciado” (SILVA, 2018, p. 69). Em sua obra, Bakhtin parte do princípio da “linguagem em ação”, constituído nas relações sociais, por meio da interação verbal e realizado por meio da enunciação ou das enunciações (MARCUIZZO, 2008, p. 3). Para ele,

[...] diálogo é diferente de ‘discurso’, e está distante da prática administrativa diária, pois é uma forma de conversação que permite aos participantes se envolverem em um aprendizado que promova reflexão, inovação e mudança (BARGE; LITTLE, 2002 apud OLIVEIRA; MAIONI, 2010, p. 380).

Pode-se considerar que a produção e reprodução organizacional estão localizadas nos processos discursivos que norteiam suas práticas comunicativas e que a dialogicidade está presente nas relações estabelecidas, assim como o discurso se situa na condição de um modo de representação e ação das organizações. Desta forma, os objetivos expressados pelas

organizações são “construções simbólicas, nomeadas e elaboradas pelo discurso” (LIMA, 2014, p. 104). Como tal, é materializado e circulado dentro e fora das organizações, por meio dos conteúdos disponibilizados pelos veículos de comunicação, como campanhas, sites, *podcasts*, *posts* nas redes sociais, ações de face a face, fóruns de interlocução, relatórios, entre outros, reconhecendo que o “imaginário e o conjunto de fatores empíricos que conformam as práticas discursivas das organizações” (SCHWAAB, 2013, p. 115-116).

Tendo como referência o desenvolvimento teórico-conceitual, visualiza-se a importância dos processos discursivos intrínsecos à comunicação e sua importância para a interação das organizações com a sociedade. Dentro desta perspectiva, desenvolveu-se cinco pressupostos para refletir sobre a produção dos arranjos discursivos dos dois atores institucionais escolhidos: 1) a potência dos discursos organizacionais para fazer emergir relações de poder; 2) o discurso como espaço para a constituição dos sujeitos sociais; 3) a capacidade do discurso de construir socialmente o sentido; 4) o discurso é afetado constitutivamente pela ideologia; e 5) ao discurso contrapõe-se o contradiscurso.

O primeiro deles refere-se à presença da relação de poder nos discursos. Este pressuposto está associado ao fato de que as organizações investem na produção discursiva para divulgar suas políticas e ações. Elas se instituem e se posicionam na sociedade por meio de suas estratégias discursivas, interferindo nas formas de vida e de convivência no espaço que ocupam. Com isso, buscam também justificar a sua existência, obter apoio da sociedade, legitimidade e visibilidade, em uma permanente construção simbólica da realidade (OLIVEIRA; PAULA, 2014). Tal conduta, a partir de Foucault, está embasada na ideia de que o discurso desempenha um papel em um sistema estratégico em que o poder está implicado, e no qual ele funciona. Para o autor, “o poder não é nem fonte nem origem do discurso, mas alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”. (FOUCAULT, [1977] 2003, p. 253 apud MARQUES; PRADO, 2018, p. 120). Ao produzir discursos, as organizações fazem emergir relações de poder, uma vez que são produzidos em uma ambiência de conflitos devido os interesses divergentes, disputas e assimetrias, “isto é, toda fala e toda materialização discursiva atualiza relações de poder, de modo que os discursos nunca são aleatórios e/ou desprovidos de intenção” (BALDISSERA; MAFRA, 2019, s.p.).

O segundo pressuposto compreende os discursos como instâncias de constituição dos sujeitos. Por meio do discursivo, os sujeitos, em processo de trocas e práticas comunicativas, encontram-se com o outro, seu interlocutor. Esta ideia é central no pensamento bakhtiniano – o

sujeito emerge na relação com o outro. Isso significa dizer que o discurso pressupõe a inclusão e o encontro com este outro. Neste sentido, solicita abandonar o “‘eu’ como maneira primeira de conhecer esse outro, o que sem dúvida é desafiador no contexto das instituições e organizações, considerando todos os públicos e sujeitos aí implicados” (SCHWAAB, 2013, p. 117). O olhar para o discurso organizacional é certamente um caminho para estudar as estratégias discursivas das organizações, a partir do tensionamento das vozes que falam e seus dizeres, contribuindo para entender suas dinâmicas e interesses (SCHWAAB, 2013). Tal perspectiva assume um dos desafios do processo comunicacional, o reconhecimento desse outro.

O terceiro pressuposto aborda o discurso como desencadeador dos processos de produção de sentidos. Ao entrar em circulação, o discurso está sujeito às (re)interpretações, abrindo possibilidades para novos sentidos, pois os enunciados que compõem o discurso são passíveis de imprevisibilidade, já que não se pode prever as rupturas e os sentidos a serem produzidos, a partir da circulação.

A circulação desponta como um território que se transforma em lugares de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais e que pode ser reconhecida como uma instância geradora de desarticulação entre produção e recepção caracterizada por incompletudes e divergências entre termos de sentidos (FAUSTO NETO, 2013, p. 55).

A instância da produção corresponde o enunciador e o enunciatário é a recepção. Ambos, enunciador e enunciatário, se “articulam em torno do processo da enunciação que se objetiva em enunciados e sobre os quais serão construídos os sentidos, a partir dos repertórios interpretativos de cada instância” (OLIVEIRA; PAULA, 2008, p. 95). Para as autoras, a equivalência entre o processo de enunciação e o da comunicação se dá no encontro da instância produtora (expansão de sua significação) com a instância da recepção, a partir da circulação, pois é por meio dos enunciados que circulam os sentidos nos processos sociais e institucionais.

Para Bakhtin (1986) os enunciados são expressões articuladas em ações, nas quais vozes diversas entram em contato e se interanimam de forma dialógica. Sendo assim, é impraticável pensar o processo de enunciação isoladamente; os sentidos só são construídos na dialogia, em que várias vozes, ao se expressarem em atos de fala se confrontam e interagem (OLIVEIRA; PAULA, 2008, p. 94).

O quarto pressuposto diz respeito ao discurso constitutivamente afetado pela ideologia. Segundo Bakhtin (2010), a língua intermedia o acesso à ideologia e é interligada pelos signos.

Ao ser materializado por meio das palavras, o discurso expressa as relações sociais. Embora as palavras sejam para o autor um signo puro, de caráter neutro, preenche funções ideológicas diversas de natureza política, religiosa ou estética, entre outras.

É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que *a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN, 2010, p. 36, grifos do autor).

Na perspectiva bakhtiniana, o signo é ideológico porque carrega valores atribuídos pelos interlocutores de diferentes classes sociais, que são contraditórios, porque expressam sentimentos, desejos, expectativas de esferas diversas.

O quinto pressuposto refere-se ao contradiscurso. A contraposição a um discurso é resultado de embates provocados pelas relações de disputa e poder nas práticas sociais. Se as organizações mobilizam discursivamente seus enunciados, esses podem ser contrapostos pelos demais atores que participam do processo interacional para fazer frente às relações de poder instituídas. No ambiente organizacional, processos interacionais podem vir a constituir-se como o *locus* do enfrentamento simbólico, que, por meio da linguagem, descortina discursos e contradiscursos.

Ao contrário do que possa parecer, isso implica que a comunicação não é um processo dialógico *per se*, capaz de harmonizar os interesses entre os atores sociais, mas sim que suas dimensões e usos estratégicos podem engajar sujeitos, que carregam sentimentos, têm poder e interpretam as políticas da organização e constroem seus discursos (OLIVEIRA; HENRIQUES; LIMA, 2019, p. 5).

Assim o discurso organizacional pode servir para fazer valer suas intenções e tornar conhecidas suas políticas e ações na conquista da legitimidade. O contradiscurso significa a manifestação do outro no processo comunicativo, fazendo parte da dinâmica interativa, na qual a manifestação de expectativas e interesses são manifestados e podem questionar as estratégias discursivas.

Fundação Renova e jornal A Sirene: sob o signo do rompimento da barragem de Fundão

A Fundação Renova foi criada em 2 de agosto de 2016, com o objetivo de reparar o meio ambiente e as condições socioeconômicas das áreas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Neste sentido, a organização é o resultado do compromisso jurídico denominado “Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta” (TTAC), acordo que foi firmado entre órgãos e entidades da União e dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, junto com as empresas Samarco Mineração, Vale e BHP Billiton. Trata-se de uma fundação de direito privado com finalidade social. Sem fins lucrativos, é mantida por um fundo de, aproximadamente, 20 bilhões de reais, estabelecido pelas mantenedoras. As atividades da Renova são monitoradas pelo Ministério Público de Fundações de Minas Gerais, cujo objetivo é assegurar o cumprimento dos programas e o funcionamento do modelo de reparação de desastres (FUNDAÇÃO RENOVA, 2019).

O TTAC definiu 42 programas de natureza socioambiental ou socioeconômica, estruturados em duas frentes¹ – reparação e compensação. O processo exige a instauração de práticas dialógicas, baseadas na transparência, visando o compartilhamento público das iniciativas inscritas no Programa de Comunicação, Participação, Diálogo e Controle Social (PCPDSCS)² que busca assegurar a participação social dos atingidos. Como parte do pilar Comunicação, a Renova lança, em julho de 2017 um jornal sem nome, a edição Nº 0 do Jornal da Fundação Renova com as comunidades de Mariana, com o objetivo de envolver as comunidades para a reconstrução das áreas atingidas.

O jornal *A Sirene* foi lançado três meses após o rompimento da barragem, é uma iniciativa que envolve os Atingidos pela Barragem de Fundão, a Arquidiocese de Mariana, o coletivo Um Minuto de Sirene e apoiada pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). O jornal³ representa a voz, espaço de fala, registro, denúncia, luta e preservação das memórias dos atingidos. Com tiragem de 3.000 exemplares, está presente nas redes sociais – YouTube, Twitter e Facebook. A fonte de recursos provém do acordo firmado entre os atingidos, o

¹ As duas frentes - de reparação e compensação -, são divididas em três eixos temáticos: “Pessoas e comunidade”; “Terra e água”; e “Reconstrução e infraestrutura”. Cabe ao eixo “Pessoas e comunidade” responsabilizar-se pelos processos de identificação e indenização; educação e cultura; saúde e bem-estar; comunidades tradicionais e indígenas; fomento à economia e engajamento/diálogo.

² O Programa de Comunicação, Participação, Diálogo e Controle Social (PCPDSCS) está embasado em quatro pilares: Comunicação; Participação e Diálogo Social; Canais de Relacionamento e Ouvidoria.

³ O jornal é distribuído durante e após o ato simbólico que acontece todo dia 5 para lembrar a data do desastre ocorrido. Uma sirene é acionada durante um minuto.

Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana. Conta com o trabalho de estudantes de Comunicação e colaboradores voluntários como jornalistas, fotógrafos, membros de movimentos sociais e dos atingidos. Adota uma postura crítica em relação ao papel e as ações desenvolvidas pela Fundação Renova e por suas mantenedoras no processo de reparação.

É importante ressaltar que tanto a Fundação Renova quanto o jornal *A Sirene* surgem após o rompimento da barragem de Fundão, como agentes institucionais e sociais com perspectivas e objetivos distintos. Neste sentido, buscam um lugar de protagonismo na disputa de espaços de credibilidade e visibilidade, já que são atores com posições diferentes em relação à recuperação dos danos causados pelo rompimento. Cada um deles, fundados em seus princípios e lógicas, vão construindo suas estratégias discursivas. A Renova representa a Samarco e seus acionistas – Vale e BHP Billiton – e o jornal *A Sirene*, como ator institucional, assume o papel de interlocutor dos atingidos.

Fundação Renova e jornal A Sirene: discursos que se contrapõem

A análise realizada compreende o cruzamento entre os discursos dos jornais *A Sirene* (fevereiro/2016 a janeiro/2019) e *Voz da Comunidade* (julho/2017 a janeiro/2019), tendo como metodologia qualitativa e a Análise Crítica do Discurso – ACD (FAIRCLOUGH, 2001) para nos ajudar a compreender a representação do discurso no mundo social, a partir do texto, da prática discursiva e da prática social. Esta perspectiva privilegia o papel constitutivo do discurso na sociedade contemporânea, como algo que reproduz e constrói o mundo que vivemos. A articulação entre discurso e outras práticas sociais, sem reduzir tudo ao discurso, é relevante para o campo da comunicação organizacional, pois se volta para a análise das relações de poder entre discursos e atores sociais (OLIVEIRA; HENRIQUES: LIMA, 2019).

Em relação à prática textual, observou-se os conteúdos discursivos, proferimentos e enunciados-chave. Quanto à prática discursiva considerou-se os atores institucionais em seu campo interacional e a circulação dos discursos, já na prática social procurou-se observar em que contexto esses veículos foram criados, o seu papel social/institucional, objetivos e propósitos.

O lançamento do veículo informativo da Renova, em julho de 2017, faz um convite aos atingidos para conjuntamente produzirem um jornal. Segundo a Renova, até aquele momento a organização ainda não tinha um veículo para falar com os atingidos e declara que: “Ele chegou e ainda está começando. Mas é cheio de vontade e vai fazer seu destino, junto com todos os

moradores da região” (JORNAL DA RENOVA, 2017, p. 2), o que provocou tensionamento na relação entre os dois atores. Quando foi publicada a edição 0, ainda sem nome, com o convite na capa “Vamos escrever Juntos?”, houve a recusa da comunidade em designar o nome do veículo, alegando que já havia um jornal que os representava – *A Sirene* –, que à época perfazia um ano e meio de existência e veiculava a edição 16. Após várias reuniões e convites recusados pela comunidade para designar o nome e trabalhar junto com a Renova, o jornal teve apenas três edições e voltou a circular apenas em julho de 2018., vindo a ser a primeira edição de um outro veículo, agora nomeado, *Voz da Comunidade*. Na ocasião, a Renova mencionou que compreendia e aceitava a decisão das comunidades, e que mantinha-se aberta, caso algum dia quisessem participar.

Figura 1 – Convite da Fundação Renova para participação das comunidades no veículo informativo



Fonte: capas das edições 0 (julho/2017) e 3 (julho/2018)

Ao definir por este nome, a Renova, intencionalmente, ressalta que o jornal é o lugar da fala dos atingidos, entretanto foi verificado que o conteúdo das primeiras edições referia-se a eles como *vocês*, o que fragilizava a intenção colocada e deixava a ver a dualidade sistêmica que apontava para a existência de um *nós* versus *vocês*. Observa-se no texto a disputa de sentidos e a relação de poder em um contexto marcado por atores com posições e interesses divergentes, apesar da interdependência entre eles.

A Renova afirma que, “o jornal é uma voz que traz assuntos que os atingidos querem e precisam saber. É uma voz construída coletivamente, que revela uma realidade diversa e, muitas vezes, conflituosa” (*VOZ DA COMUNIDADE*, 2018, p. 2). Continuando afirma que o objetivo é “acompanhar a reparação, esclarecer dúvidas, falar sobre suas dores e ressentimentos,

relembrar histórias do passado e desenhar expectativas sobre o futuro” (*VOZ DA COMUNIDADE*, 2019, p. 2). Tal posicionamento reflete, por parte da Renova, o poder concedido de dizer, trazendo questões que os atingidos “querem e precisam saber”, evidenciando o tom de superioridade e autoridade sobre eles.

A negação do conflito, a preocupação com os atingidos manifestados no discurso e a afirmação do desejo de fazer conjuntamente, de compartilhar informações e de solidarizar com eles indicam que a Renova não considerava o momento de tensão. Ao usar palavras como “dor”, “ressentimentos”, se aventura no universo da memória, sem, contudo, deixar de lançar um olhar otimista para o “futuro”. Os dois enunciados revelam que a Renova como um ator institucional reconhece o quão doloroso é o momento, mas que possui a consciência da importância de buscar o novo. Assim, ressalta estar disposta a seguir e reconstruir juntos.

A Renova conjuga o verbo aproximar e *A Sirene* (des)conjuga, desqualificando a legitimidade do veículo: “Não reconhecemos essas publicações porque entendemos que foram projetadas para fazer publicidade para a própria Renova/empresas” (*A SIRENE*, 2019, p. 3). Esta contraposição demonstra uma das questões cruciais do processo: a quem cabe o direito de narrar as histórias dos atingidos? *A Sirene* afirma que a Renova, por meio de seus veículos, conta apenas um lado da história e reitera a sua posição como veículo qualificado para assumir a posição de narrador e interlocutor das histórias e das lutas travadas pelos atingidos (*A SIRENE*, 2017).

Figura 2 – Contrapontos A Sirene e Voz da Comunidade



POR QUE DIZEMOS NÃO AO
jornal da Renova

NOSSA LIBERDADE DE EXPRESSÃO ESTÁ AQUI
Seja qual for a mídia e, principalmente a que está em questão, o jornal da Renova, percebemos que, ao longo do tempo, ela pode ser interpretada de várias formas. Então, decidimos de comum acordo com a Comissão dos Atingidos pela Barragem de Fundão que já temos o jornal *A SIRENE*, que é o veículo que nos dá liberdade para contar as nossas histórias, passar as informações e fazer os esclarecimentos. Nós sabemos que a Renova não tem essa preocupação. A nossa luta está registrada em documentos que podem ser acessados por todos. Portanto, qual a necessidade de se fazer um outro jornal? Já que eles vão fazer, que façam os esclarecimentos sobre suas ações em seu próprio jornal, pois todos desejam saber sobre eles, inclusive nós.
Luzia Queiroz, da Comissão de Paracatu de Baixo

NÃO FAZ SENTIDO DIVULGAR O QUE NÃO FAZ
Eu não escreveria no jornal da Renova porque ela criou ele simplesmente para divulgar as coisas que são do interesse dela. Os atingidos já têm um jornal, que pertence a gente. Então, não faz sentido eu compartilhar desse jornal que a Renova está criando e ajudar a divulgar as coisas que ela não faz. Acho que, ao invés da Renova criar um jornal, ela deveria olhar mais pelos atingidos, tomar uma providência séria com relação ao reassentamento e com as pessoas que estão sendo prejudicadas aqui na roça.
Marino D'Angelo, da Comissão de Paracatu de Cima

Fonte: jornal *A Sirene* (2017)

O jornal *Voz da Comunidade*, faz parte do pilar Comunicação, desenvolvido pela Renova, e está inscrito no Programa de Comunicação, Participação Diálogo e Controle Social (PCPDCS). Para ela, a participação dos atingidos nos programas são viabilizados por meio de espaços dialogais baseados em relações orientadas para a cooperação e a confiança estabelecidas de “modo a permitir que as partes interessadas dos diferentes grupos e territórios sejam ouvidas e possam influenciar em todas as suas etapas” [do processo reparatório] (FUNDAÇÃO RENOVA, 2018, p. 8). A organização reitera em seu discurso, continuamente, que sua sustentação se fundamenta no tripé do diálogo social, participação e comunicação. Assim reconhece a importância dos atingidos no desenvolvimento de suas ações de reparação e reconstrução das comunidades e da vida daqueles que foram alcançados pelo rejeito e lama da barragem, destruindo bens materiais e imateriais como memórias, objetos de afeto e histórias pessoais.

Em contraposição, *A Sirene* declara a intenção da Renova e das mantenedoras Vale e BHP Billiton, em “combater a autonomia das comunidades por meio da farsa do Diálogo Social” (*A SIRENE*, 2017a, p. 13), sugerindo que o objetivo é, na verdade, a construção de reputação institucional. O jornal assinala que, segundo o relatório financeiro da Renova, do ano de 2016, “pelo menos, R\$ 18 milhões foram utilizados para cobrir ações relacionadas ao ‘programa de engajamento e diálogo’” (*A SIRENE*, 2018, p. 8), que inclui ainda publicidade e outras estratégias de comunicação. *A Sirene* afirma que “a Fundação adota as mesmas técnicas utilizadas pelas mineradoras responsáveis pelo crime” (*A SIRENE*, 2018, p. 8). Por outro lado, a Comissão de Atingidos aciona os seus próprios espaços dialogais – os Grupos de Base promovidos em conjunto com a Cáritas⁴, que para eles são os fóruns em que de fato ocorre o processo dialógico e nos quais suas vozes são asseguradas. A ação de base é solidária, multiplicadora e “visa à construção coletiva e a participação” (*A SIRENE*, 2017b, p. 9).

Observa-se nesse embate discursivo a presença dos pressupostos: a potência dos discursos; as relações de poder; os discursos como constituição dos sujeitos na construção social do sentido; a afetação ideológica nos discursos e o contradiscurso, de forma interligada, e desvelando a relação de forças.

⁴ A Cáritas Minas é responsável pelo assessoramento técnico dos /das atingidos(as) do rompimento de Fundão. Nacionalmente, é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Consiste em uma rede solidária de mais de 15 mil agentes, a maioria voluntária, em todo o País. Ela valoriza e aposta em ações locais, por meio de processos coletivos, organizativos, promovendo o protagonismo de grupos e comunidades. Esta atuação se dá na articulação de fóruns, redes e ações de incidência política e relações solidárias, cujo foco é a luta por direitos e a construção de espaços de democracia participativa, inclusão e transformação social.

A Renova ressalta a necessidade do “acesso à informação ágil, ampla, transparente e pública, em linguagem acessível, adequada e compreensível às partes interessadas” (FUNDAÇÃO RENOVA, 2018, p. 63), no entanto os atingidos não reconhecem esta prática comunicativa, colocando em xeque a linguagem adotada e afirmando que não é uma comunicação pensada para eles, ao declarar que possuem “dificuldades para entender o uso dos termos técnicos” (A SIRENE, 2018a, p. 3). Neste sentido, assinalam que, além de “enfrentar longas e exaustivas reuniões, nos vimos perdidos em uso de termos, muitas vezes desnecessários, que muitas vezes só complicam mais ainda o processo” (A SIRENE, 2018a, p. 16). “...não cairemos nas ‘pegadinhas’ dos termos técnicos da empresa e continuaremos lutando e não aceitando propostas ilegítimas” (A SIRENE, 2017b, p. 2). Na matéria intitulada “Falar na nossa língua”, os atingidos questionam o uso dos termos *masterplan*, *dam break*, *stakeholders*: “Parecia que a gente falava com extraterrestre, porque não entendia ‘patavinas’” (A SIRENE, 2018a, p. 3). Além disso: “Também chamavam a gente de atores, até que perguntamos se estávamos participando de uma novela”. (A SIRENE, 2018a, p. 3).

O jornal *A Sirene* reforça a necessidade dos atingidos terem suas questões tratadas por palavras que todos compreendam, colocando-se como tradutor no processo, permeado por assimetrias intelectuais, sociais, econômicas e políticas. “A gente explica o tempo, os nomes, as palavras, as nossas lutas e as notícias que escreveram sobre nós. A gente fala. E do nosso jeito” (A SIRENE, 2016, p. 6). Pode-se perceber diferentes interpretações, como por exemplo a coluna “Glossário”, que (re)significa vocábulos como “território”, “saúde”, “lugar”, “tradição”, a partir das dores dos atingidos em um processo permanente de produção de sentidos. Outro ponto a ser destacado é que *A Sirene* se refere à Renova como “Renova/Samarco” e ao TTAC como “acordão”. No primeiro caso não descola uma organização da outra e, no segundo, questiona a legitimidade do TTAC, revelando os incômodos com o processo reparatório.

A análise aponta como os discursos são construídos socialmente em processo permanente de embate discursivo. Os enunciados em circulação dão a ver as relações de poder e a ideologia: quem fala, como, o que fala e de onde vem, bem como o engendramento entre discurso e contradiscurso revelando arranjos discursivos atravessados por disputas, contradições e demonstrando atores conscientes de suas escolhas na prática social.

Considerações

A análise da mobilização discursiva dos atores institucionais Fundação Renova e jornal *A Sirene* aponta que cada um aciona suas próprias dinâmicas, por meio de um quadro social específico. Os arranjos revelam que o discurso, quando colocado em circulação é interpretado, contraposto e atravessado pelo poder e a ideologia. O contexto e a posição dos atores na condição de enunciação desvelam sujeitos em relação, vozes sociais em disputa perpassadas por expectativas e interesses divergentes, provocando tensionamentos. O tom de conciliação e transparência adotado pela Renova revela-se na linguagem, por meio de um discurso fundamentado em conceitos que valorizam o outro no processo comunicativo. Entretanto, percebe-se, a partir das análises realizadas, que o discurso construído contradiz com a prática social institucional, pois, após cinco de rompimento, os atingidos continuam sem casa e sem sua vizinhança, sem cumprir o acordo feito. O processo de reconstrução das comunidades, fundamental para eles, ainda está em andamento e nada de concreto foi entregue até então.

Os atores institucionais analisados se enfrentam discursivamente na defesa de seus interesses em um contexto de conflito e de dependência, caracterizando a prática social. A prática discursiva de cada um deles se inscreve em lugares sociais diferentes. O discurso, contradiscurso e os sentidos produzidos são assimétricos, expondo a luta pelo lugar de fala desvelando-nos a arena de embates discursivos, marcados pela busca de poder, natureza social e manifestação da ideologia. Pode-se perceber que o rompimento da barragem de Fundão inscreveu, de um lado, os grupos afeitos às empresas – Vale, Samarco e BHP Billiton – e, do outro, aqueles que lutam e defendem os direitos dos atingidos, colocando em oposição dois imaginários.

Discurso e contradiscurso organizacionais se instauram e mostram o jogo de interesses e poder, inscritos em espaços propícios para a constituição de sujeitos, afetados constitutivamente pela ideologia, capazes de construir socialmente o sentido. Um cenário em que os discursos, emaranhados entre si, direcionam e conjugam as estratégias de atores institucionais em disputa e a produção de arranjos discursivos revelando eixos de poder e tensão, em busca de obtenção da legitimidade social, do lugar de fala e da afirmação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. *In*: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Ciências Humanas e**

Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. 2. Ed. São Paulo, Cortez, 2007. p. 11-25

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom** (edição especial), ano 6, n. 10/11, p. 115-120, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. In: KUNSCH, M. M. K. (Ed.). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. p. 61–76.

BALDISSERA, Rudimar; MAFRA, Rennan. Discursos, identidades e relações de poder: dinâmicas e emergências em comunicação organizacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS, 13, 2019. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Abrapcorp, 2019. Disponível em: [http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/\(cod2_22918\)RudimarBaldissera_RennanMaфра_GT3_Abrapcorp_2019.pdf](http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/(cod2_22918)RudimarBaldissera_RennanMaфра_GT3_Abrapcorp_2019.pdf). Acesso em: 31 out. 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. **Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação**. In: 10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação. São Leopoldo (RS), Editora Unisinos, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FUNDAÇÃO RENOVA. **Programa de comunicação, participação, diálogo e controle social (PCPDCS)**. Belo Horizonte: Fundação Renova, jun. 2018. Disponível em: https://sei.ibama.gov.br/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=9046&id_documento=3257651&infra_hash=ab69976ef9f75ff7803995ef9100dd9d. Acesso em 27 jul. 2019.

KAUFMANN, Cristine. **Comunicação Organizacional e Sustentabilidade:** cartografia dos sentidos de sustentabilidade instituídos no discurso das organizações. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LIMA, Fábila Pereira. **A dimensão comunicacional da estratégia:** a estratégia organizacional como prática comunicativa na Secretaria de Estado de Fazenda de Minas Gerais. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARCUZZO, Patrícia. Diálogo Inconcluso: Os Conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 36, jun. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PRADO, Marco Aurélio Prado. **Diálogos e Dissidências:** Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris Editora, 2018.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; HENRIQUES, Márcio Simeone; LIMA, Fábila Pereira. Um modelo analítico das práticas discursivas no contexto das organizações: proposta metodológica em construção. In: Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 28, 2019. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: Compós, 2019. Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_AQNHMN8LJY4B5043FCE9_28_7433_21_02_2019_23_20_42.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Carine F. Caetano de. Comunicação no contexto das organizações: produtora ou ordenadora de sentidos? *In*: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (org). **Interfaces e tendências da comunicação**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008. p. 91-108.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de. **Comunicação estratégica**: outras lógicas e construtos no contexto de midiaticização. *In*: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), 12, 2014, Lima Peru.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de; MARCHIORI, Marlene. Um giro na concepção de estratégias comunicacionais: dimensão relacional. *In*: ENCONTRO DO FÓRUM IBEROAMERICANO DE ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO, 10. **Anais [...]**. Republica Dominicana, 2012. Disponível em: http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/9/1425/fisec_estrategiasn17pp133_153.pdf. Acesso em: 22 jul. 2019.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; MAIMONI, Hérica Luzia. Diálogo e Comunicação. *In*: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**: dicionário brasileiro do conhecimento comunicacional. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1, p. 380.

SCHWAAB, Reges. Organizações, discurso e alteridade: reencontrar a comunicação. *In*: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; MARCHIORI, Marlene (org). **Comunicação, Discurso, Organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2013. p. 109-122.

SILVA, Magno Vieira da. **Discurso organizacional**: aportes conceituais. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes) – Universidade de São Paulo, 2018.

SILVA, Magno Vieira da. Discurso organizacional: uma compreensão a partir dos gêneros. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS, 13., 2019. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Abrapcorp, 2019. Disponível em: [http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/\(cod2_22826\)MagnoVieiraSilva_GT3_Abrapcorp2019.pdf](http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/(cod2_22826)MagnoVieiraSilva_GT3_Abrapcorp2019.pdf). Acesso em: 31 outubro 2019.

VALLE, Diego Gomes do. **João Gilberto Noll e o apelo prosaico**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

YAGUELLO, Marina. Introdução. Bakhtin, o homem e seu duplo. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 11-19.

A SIRENE. Mariana - MG. Set/2017. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornal_a_sirene_ed18_issuu

A SIRENE. Mariana - MG. Nov/2017a. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/a_sirene_-_ed.20

A SIRENE. Mariana - MG. Mar/2017b. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/a_sirene_mar__o_ed12_issuu

A SIRENE. Mariana - MG. Abr/2018. Disponível em:
https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornal_a_sirene_-_abril_de_2018

A SIRENE. Mariana - MG. Agosto/2018a. Disponível em:
https://issuu.com/jornalasirene/docs/agosto_2018_issuu

A SIRENE. Mariana - MG. Set/2019. Disponível em:
https://issuu.com/jornalasirene/docs/setembro_2019_issuu

FUNDAÇÃO RENOVA. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/>. Acessado em 2019.

JORNAL DA RENOVA. Mariana – MG. Jul/2017. Disponível em:
https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2017/12/00_jornal-comunidade-fundacao-edicao0.pdf

VOZ DA COMUNIDADE. Mariana – MG. Jul/2018. Disponível em:
https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2018/07/jornal_mariana_e3_web.pdf

VOZ DA COMUNIDADE. Mariana – MG. Jan/2019. Disponível em:
https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2019/01/e6_voz_da_comunidade_web_duplas.pdf

Original recebido em: 08 de maio de 2020

Aceito para publicação em: 28 de setembro de 2021

Ivone de Lourdes Oliveira

Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Leciona no mestrado de comunicação social "Interações Midiáticas". Pós-doutora pela Université de Toulouse - Paul Sabatier (2013). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Líder do grupo de pesquisa Dialorg - Comunicação no contexto organizacional: aspectos teórico-conceituais
ivonepucmg@gmail.com

Lara Dornas

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Minas, Interações Midiáticas, Linha de Pesquisa Processos Midiatizados de Interação Social (2020). Graduada em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas pela PUC-Minas (1989).
Pesquisadora do do grupo de pesquisa Dialorg –
Comunicação no contexto organizacional: aspectos teórico-conceituais.
laradornas2009@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional